

As empresas multinacionais e a siderurgia *

PLÍNIO CANTANHEDE **

A crescente complexidade e as novas dimensões da economia mundial suscitaram e vêm suscitando sucessivas mudanças e adaptações das grandes estruturas empresariais. Entre os fatores que têm determinado este ajustamento a uma nova realidade econômica, com vistas a maximizar os lucros, três assumem definitivo relevo: a posse de tecnologias mais sofisticadas, herméticas e restritas a determinados grupos; a exigência de grandes níveis de produção industrial ou de serviços com vistas à obtenção de melhores índices de economia de escala e o fato de grande parte do capital de investimento e risco disponível, em todo o mundo, estar restrito a grupos fechados em alguns poucos países. Tal comportamento, que passou a se configurar na década de 30, não determinou, naquela época, o surgimento ou marcante prosperidade e internacionalização de grandes empresas, mas isto se tornou evidente e vem ganhando ritmo permanente e exponencial após o final da II Guerra Mundial. A partir daquela ocasião e em violento gradiente de crescimento, numerosas empresas de vulto extrapolaram suas dimensões nacionais para se transformarem em empresas cujas áreas de ação passaram a interessar à economia de dois ou vários países e muito se tem estudado, escrito e debatido sobre as vantagens e desvantagens de tais empresas, chamadas de multinacionais. De outra parte, o aparecimento destas empresas abrange amplíssimo contexto e elas podem assumir uma configura-

* Artigo especialmente elaborado para este número da *Revista de Administração Pública*.

** Presidente da Companhia Siderúrgica Nacional.

ração abrangente, surgindo ora como causa, ora como efeito. Isto é, empresas existentes podem-se agigantar e estender sua atividade econômica a outros países, como consequência de simples e natural crescimento empresarial para tornarem-se empresas multinacionais, ou podem ainda surgir, desde logo, com esta configuração, para suprir necessidades de determinado setor na estrutura de dois ou mais países, preenchendo então vazios econômicos que é preciso eliminar.

O estudo econômico que preside a estruturação, o relacionamento e as atividades das empresas multinacionais, sobre ser extremamente amplo, é extremamente complexo, abrangendo aspectos de grande profundidade nos campos técnico, jurídico e de política internacional. Realmente, no seu estado atual, a economia mundial é composta de mercados interdependentes, nenhuma estratégia econômica podendo ser considerada como exclusivamente interna, isto é, vinculada a uma nação apenas. Um dos episódios mais significativos que conduziu a esta definição foi a medida determinando a conversibilidade da libra esterlina pela Inglaterra, seguindo-se idêntica providência tomada pelos principais países europeus, fato que coincidiu com o surgimento do Mercado Comum Europeu, a primeira grande experiência de integrar economias de vários países e o influenciou fortemente. O surgimento do MCE adicionou a potencialidade dos países-membros, que passou a ser maior que a soma das potencialidades de cada um, e estimulou os EUA, que passaram a neles investir maciçamente e, o que é importante, a fazê-lo através de suas grandes empresas que, mercê desta medida, assumiram o caráter de multinacionais. Hoje, e segundo os cálculos projetados com os rigores necessários, é possível prever que toda a economia industrial de todo o mundo estará, ao final do século, controlada por 300 a 400 gigantescas empresas multinacionais. Já agora, numerosas destas empresas acusam faturamentos que excedem os orçamentos de muitos países, e as multinacionais com sede nos EUA representaram, em 1967, um volume de negócios de US\$ 120 bilhões, o que equivale à terceira economia mundial.

No campo do petróleo, o exemplo do poderio das multinacionais está presente e é eloquente: a Standard Oil, a Royal Dutch, a Shell, a Texaco, a Gulf Mobil e a British Petroleum controlam cerca de 3/4 da economia petrolífera de todo o mundo, ainda que subordinadas à estratégia determinada pelos países da OPEP.

A indústria automobilística é outro forte exemplo do poder de algumas multinacionais: a General Motors, a Ford, a Chrysler, a Volkswagen, a Fiat, a British Motors e a Toyota.

Igualmente significativo é o que acontece no ramo elétrico e de computação com a IBM, a Burroughs, a ITT, a Westinghouse, a Phillips, a Siemens, controlando extensa maioria do mercado.

A tabela a seguir mostra como há uma relação estreita entre os países economicamente fortes e suas empresas multinacionais, computadas 246 empresas com um volume individual de negócios superior a 250 milhões de dólares/ano.

País	Volumes de negócios		
	Número de empresas	Milhões de dólares	%
Estados Unidos	127	145 507	65,5
Grã-Bretanha	31	21 617	9,7
República Federal Alemã	25	17 665	8,0
França	16	7 851	3,5
Japão	16	7 699	3,5
Países Baixos	3	7 160	3,3
Itália	6	4 156	1,9
Suíça	5	3 338	1,5
Canadá	6	2 291	1,0
Suécia	5	1 992	0,9
Bélgica	2	798	0,4
Austrália	2	758	0,3
Luxemburgo	1	700	0,3
México	1	540	0,2
TOTAL	246	222 072	100,0

Fonte: *L'Europe face à la concurrence des entreprises mondiales*. Lausanne, 1965. p. II.

Mas ao lado das vantagens que a implantação de uma empresa deste tipo pode determinar a um ou mais países onde ela exerce sua influência, não são para perder de vista os cuidados a observar. É sempre essencial considerar que algumas empresas multinacionais tornaram-se tão grandes e influentes que suas economias ultrapassam ou marcam predominantemente as economias de países onde exercitam sua atividade.

Consideradas sob a ótica de estruturação doutrinária, as empresas multinacionais podem ser estruturadas segundo diferentes conceitos, válidos para cada caso, e isto define as várias modali-

dades que as caracterizam, sendo desde logo para referir que uma empresa pode-se tornar multinacional ou nascer multinacional.

No primeiro caso a empresa multinacional, em sua moderna estruturação, surge num país altamente desenvolvido que dispõe de amplos suportes tecnológicos e de capital e passa a ser um importante motivo de sua expansão econômica. Se a tecnologia ou os recursos de que dispõe podem ser exportados para outros países, uma das soluções é a própria empresa fazê-lo diretamente, abrindo filiais em outros países e passando a assumir então o caráter de multinacional. Este conceito é por sua vez muito amplo e a empresa multinacional pode ser encarada seja como aquela que além de operar em seu país mantém filiais em outros países, seja aquela cujo controle acionário pertence a vários países ou ainda aquela cuja equipe direcional seja integrada por representantes de vários países. Multinacional pode ainda ser a empresa que disponha de uma parte substancial de seus recursos tecnológicos, financeiros e humanos investidos em alguns países ou ainda, segundo Peter Drucker, é a empresa que "pensa" internacionalmente, ou seja, que mantém a sede em um determinado país mas que sustenta interesses de seu ramo de atividades e tem seus objetivos estruturados em termos internacionais. Uma empresa multinacional deste tipo, isto é, que nasce nacional para depois, e pouco a pouco, se internacionalizar, pode inclusive ter como principal motivo a divulgação da cultura, que além de representar o altíssimo papel que lhe confere sua atividade principal, deve e precisa ser cuidadosamente policiada sobre a característica da literatura que difunde, que pode inclusive atentar aos costumes, à moral e até à segurança política de países onde se instalou subsidiariamente, e que serão os importadores desta cultura.

Mas o segundo tipo de empresa multinacional, isto é, aquela que já nasce assim, representa também papel importante no desenvolvimento econômico de algumas áreas ou países. Neste caso, empresas podem ser formadas com a participação de dois ou mais países visando cumprir um programa econômico de mútuo interesse e cujas razões influentes aconselham tal solução. Este tipo de multinacionais pode-se estruturar entre países de diferentes níveis de desenvolvimento econômico ou entre países cuja conquista econômica se situe em estágios parecidos. No primeiro caso é evidente que há um interesse comum de um país "vender" alguma coisa que possui a outro que precisa "comprar ou incorporar" aquele bem. Multinacionais deste tipo são organizadas principalmente quando financiamentos para bens de capital e incorporação de tecnologias estão em jogo, e nestes casos, empresários do país que possui os recursos financeiros e tecnológicos, ao invés de vendê-los pura e simplesmente a empresários do país

que deles necessita, concordam em estruturar uma multinacional, onde, geralmente, os empresários do país financiador participam ainda com uma parcela do capital de risco, dando surgimento às chamadas *joint-ventures*.

Mas ainda, e muito freqüentemente, países organizam empresas multinacionais para desenvolver um projeto de interesse comum onde os recursos, sendo escassos de parte a parte, precisam ser somados para viabilizar a consecução do objetivo e empresas deste tipo são mais comuns em áreas menos desenvolvidas e geralmente entre países vizinhos. Nestes casos, isto é, quando empresas são organizadas para um fim específico e predeterminado, o conceito de lucro e as influências de país para país são bem definidos e os temores de uma indesejável interferência de um país sobre outro são extremamente reduzidos ou inexistentes. No caso destas empresas, que se incluem entre as *joint-ventures*, o que realmente se busca são melhores índices de conquista econômica para os países envolvidos, e um caso típico e atual é a Hidrelétrica de Itaipu, organizada com capitais brasileiros e paraguaios, para a exploração da energia hidrelétrica do Salto das Sete Quedas.

Empresas tipo *joint-venture* podem, não obstante, ser estruturadas para o desenvolvimento de um projeto comum a dois países extremamente desenvolvidos, e nesse caso, o que se procura é a conjunção dos esforços econômicos, financeiros e eventualmente de natureza técnica.

O projeto Concorde, para a construção do famoso avião, reuniu capitais franceses e ingleses e somou as técnicas dos dois países e é exemplo para referir. Cite-se igualmente a exploração do petróleo do Mar do Norte, cujo resultado motivou a economia de numerosos países e que, exigindo imensas inversões de capital de investimento e de risco, a par de técnicas avançadas de perfuração e de lavra, reuniu as economias dos países interessados.

Se as multinacionais inicialmente atuavam em apenas algumas áreas fundamentais da atividade econômica — petróleo, indústria automobilística, indústria elétrica e eletrônica — foram pouco a pouco alargando o leque de suas atividades a ponto de não fazerem exceção; o que importa, portanto, é o volume dos negócios que permitem rentabilidade adequada e recomendável economia de escala.

Atualmente, os dois grandes grupos nos quais se integram as empresas multinacionais dispõem de um imenso poder em quase todo o mundo e em alguns setores, como o químico e o da indústria farmacêutica, para citar dois exemplos, esta influência é tão ampla que chega a ser asfixiante em alguns países menos desenvolvidos. Esta tendência é extremamente bem enfocada por Gustavo Lagos, que diz textualmente: "Se ha dicho que no sería exagerado afirmar que el desarrollo presente y futuro de las cor-

poraciones internacionales es una de las fuerzas más poderosas que operan en el mundo. Se sabe que el crecimiento en el número y tamaño de estas grandes corporaciones hará que en las próximas décadas tengan una participación elevada en la formación del producto bruto mundial. Según algunas estimaciones, de aquí a 20 años, más de la mitad de la renta nacional de todos los Estados del mundo será producida por menos de 300 corporaciones internacionales. Se continuará esa tendencia, el comercio entre las naciones y los movimientos externos de capitales y de personas tendería a convertirse cada día más en 'comercio interno' y 'movimiento interno' de estas grandes corporaciones."

Pode, entretanto, merecer uma indagação o fato de que, em meia a uma tão grande diversificação setorial e a um tão acelerado crescimento das empresas multinacionais, não ter sido a siderurgia um dos seus alvos prediletos, e isto é realmente o que se vem constatando. À exceção de alguns exemplos que se podem observar entre os países que integram a Comunidade Européia do Carvão e do Aço, cujas economias são intensamente interligadas. No Brasil, a Manesmann, e a Belgo-Mineira são exemplos de empresas siderúrgicas vinculadas ao capital de risco estrangeiro, embora em ambas, grande parte desse capital se tenha nacionalizado. A Usiminas, que inicialmente teve uma sensível participação de capital japonês, hoje tem como acionista francamente majoritário o BNDE, situação essa em vias de ser transferida para a Siderbrás. Esta indagação é tanto oportuna quanto se sabe que a siderurgia é um dos setores básicos da economia, sua importância repercutindo sucessivamente em cadeia para gerar riqueza e benefícios sociais e dela dependendo numerosas outras atividades industriais. Uma das respostas a esse comportamento pode ser encontrada na razão de a indústria siderúrgica exigir grande intensidade de capital, ser de baixa rentabilidade e lenta maturação. A economia do aço e do petróleo, apenas para exemplificar, são ambas extremamente importantes e indispensáveis a um quadro geral de desenvolvimento econômico integrado, mas apresentam aspectos muito diferentes, no que diz respeito às suas características específicas e à sua rentabilidade. Enquanto a indústria do petróleo pode exigir grandes sacrifícios na pesquisa e na lavra, uma excelente rentabilidade é marcada no refino, no transporte e na comercialização; já a indústria siderúrgica não conta com tal favorecimento. Isto vale afirmar que a rentabilidade, seja do capital de investimento como do capital de risco, tem muito melhores perspectivas quando empregada no petróleo do que na si-

: Lagos, Gustavo. Empresas multinacionales — aspectos sociales, económicos, políticos y institucionales. *Revista del Instituto para a Integración de la América Latina (ITAL)*, Bogotá. IX Reunión Anual de la Asamblea de Gobernadores del BID.

derurgia. Entretanto, alguns condicionantes do comportamento da economia mundial têm determinado o surgimento de novos fatores que estão estimulando e deverão ainda mais estimular o surgimento de empresas multinacionais no campo siderúrgico.

Um destes fatores é, sem dúvida, o da natureza ecológica, levando a que países carentes de aço e que enfrentam grandes dificuldades em produzi-lo em seu território procurem associar-se a empresários de outros países que oferecem condições positivas. Este fato tem-se tornado cada vez mais atual, seja ditado pela otimização do uso dos insumos básicos, seja ditado por determinantes ligadas a fatores de poluição ambiental ou das águas. Por estas duas razões o Japão vem-se interessando por integrar empresas multinacionais com países que possuam boas condições siderúrgicas, ficando-lhe assegurada uma participação da produção correspondente à sua participação acionária e isto é exatamente o que está ocorrendo com a Usina de Tubarão, no Espírito Santo, e deverá ocorrer com a de Itaquí, no Maranhão. A participação acionária, em capital de risco, leva o Japão a ampliar seu comprometimento na formulação das multinacionais, passando a participar ainda com capitais de investimentos. Adicionalmente a participação japonesa se amplia ainda com o fornecimento de tecnologia siderúrgica, a qual é desde logo incorporada pelos técnicos brasileiros, representando este um fato da maior importância. Para um país como o Brasil, que dispõe de excelentes e volumosos depósitos de minério de ferro, que aproveita os cargueiros que transportam o minério exportado para importar carvão, que não enfrenta os gravíssimos índices de poluição do Japão, cuja poupança não chega às necessidades de financiar um ambicioso plano siderúrgico e que ainda precisa importar tecnologia, a solução de multinacionais no modelo da Usina de Tubarão é altamente indicada. Por seu turno e em termos mais modestos, o Brasil está também estudando uma multinacional siderúrgica com o Paraguai e talvez uma com a Bolívia, para os quais forneceremos tecnologias, capital de risco e capital de investimento.

No campo dos insumos básicos é ainda possível considerar-se associações semelhantes, e uma multinacional para o carvão está sendo estudada com a Colômbia, e que permitirá ao Brasil contar com uma quota cativa de carvão colombiano, o que, além de segurança de abastecimento abre uma nova fonte de suprimento de um dos mais importantes insumos da indústria siderúrgica. Esta multinacional ou, melhor falando, esta binacional, está sendo intensamente estudada, pois a Colômbia possui grandes reservas de carvão coqueificável, mas precisa colaboração técnica e financeira para sua exploração em escala compatível para permitir preços justos e competitivos. Ambos os países estão intensamente interessados, mas a legislação colombiana, diferente da nossa, dá posse ao possuidor do solo dos bens do subsolo, e as conversações

têm que ser conduzidas com numerosos donos de minas de carvão. Além dos problemas de prospecção e lavra, o beneficiamento, o transporte até ao mar e o eficiente aparelhamento dos portos são encargos adicionais que ampliarão o esforço financeiro necessário.

Outro exemplo no campo dos insumos básicos da siderurgia onde se contempla a formação de uma multinacional é a exploração do minério de ferro da Serra dos Carajás. As imensas ocorrências, recentemente descobertas, exigem vultuosíssimos investimentos para sua viabilidade e estão-se procedendo a estudos visando admitir a US Steel como associada no empreendimento. Isto ensejaria a hipótese para que elevadas somas essenciais à exploração e ao transporte económico do minério extraído fossem obtidas através da grande empresa americana, à base de financiamentos. Os estudos estão bem adiantados; o Brasil, através de empresas estatais, deterá o controle acionário do empreendimento, mas será concedida à U.S. Steel uma quota cativa da produção do minério de Carajás, na justa proporção da sua participação no capital de risco. A exploração da reserva ferrífera dos Carajás, além de se constituir, por si só, em importantíssimo marco para a emancipação económica da região, irá ainda obrigar à construção de uma via normal e permanente de acesso ao mar, seja através de uma aquavia ou de uma ferrovia, o que representa vantagem de inegável relevo. Mas a grande e fundamental repercussão da exploração e exportação do minério de ferro da Serra dos Carajás é a possibilidade de ser instalada a Usina de Itaqui, no Maranhão, já sendo devidamente estudada, tal como a de Tubarão, sob os auspícios da Siderbrás. Esta mesma siderúrgica, também sob a forma de multinacional, irá representar a grande e definitiva providência para a conquista económica de extensa área geográfica no Norte brasileiro, sendo sabido, como de todos é, a importância da implantação de um grande pólo siderúrgico como centro irradiador de desenvolvimento e criador de riqueza.

De qualquer forma, o Brasil considera com empenho, realismo e seriedade que empresas multinacionais no campo siderúrgico e da produção de insumos básicos possam trazer uma inestimável colaboração ao desenvolvimento e cumprimento do Plano Siderúrgico Nacional.

As gestões e ensinamentos com a montagem administrativa e para a implantação da Usina de Tubarão irão constituir uma grande experiência, que poderá ser ajustada a novos empreendimentos.

Já adulto, dono dos seus grandes destinos, resta ao Brasil obrigação de acelerar o cumprimento de suas metas corajosas. Entre estas, a explosão siderúrgica é uma que certamente estará na vanguarda desta arrancada para sua completa emancipação económica, de uma emancipação que não seja discriminatória, que não faça exceção, que chegue aos brasileiros de todos os quadrantes.

E é certamente agindo com firmeza, decisão e coragem que o Brasil, poderá, sem dúvida, encontrar nas empresas multinacionais do campo siderúrgico, a solução conveniente para conseguir a importação do capital de risco, os financiamentos necessários e as melhores e mais sofisticadas tecnologias, para tornar-se um grande país siderúrgico, o que é certamente uma das suas mais autênticas vocações.

Summary

Multinational corporations and the steel industry

The author begins by emphasizing the appearance of major changes in the world economy, due mainly to three factors: a) the fact that ownership of more sophisticated technology is restricted to particular groups; b) the necessity for large-scale production; and c) the fact that a large part of the investment and risk capital available world-wide is limited to closed groups in a very few countries. The author feels that these factors produce a tendency toward the multinationalization of business. In order to analyze business firms in these terms, the article suggests a typology which distinguishes between firms which become multinational and firms which are born multinational. The importance of this second type of multinational corporation in the development of some areas or countries is shown by several examples of joint-ventures planned or already under way in Brazil. The author emphasizes that in these cases one finds complementary interests and productive joint efforts, such as in the plans for steel mills in Tubarão and Iraqui, in the studies of steel mill construction in Paraguay and Bolivia, in the binational attempt to mine coal in Colombia, and in the multinational iron or mining project in the Serra dos Carajás.

In his conclusion, the author points out that Brazil has examined the subject energetically, realistically, and seriously, and believes multinational corporations in the steel area and in the production of basic industrial goods can bring inestimable assistance to the development and successful completion of the National Steel Plan.